



A volta ao mundo em 80 dias: por uma Cartografia Literária

Thiago Bogossian Porto

Graduando em Geografia da Universidade Federal Fluminense

thiagobp@id.uff.br

Resumo: Muito se discute atualmente sobre a importância da inter e da transdisciplinaridade no trabalho com a educação. O conhecimento fragmentado nas disciplinas escolares, ao invés de facilitar a compreensão de mundo do educando, acaba por desenvolver olhares setoriais sobre a realidade, fugindo do objetivo da escola. Sendo assim, nosso trabalho tem como objetivo desenvolver o conhecimento dos conceitos e conteúdos cartográficos a partir da leitura da obra clássica *A Volta Ao Mundo em 80 Dias* de Júlio Verne. Através da leitura, os estudantes poderão localizar os pontos por onde o personagem Phileas Fogg passou, utilizando as coordenadas geográficas, bem como trabalhar com outros conceitos pertinentes a Cartografia Geográfica, como rosa-dos-ventos, direção, escala e fuso horário. Além do trabalho interdisciplinar envolvendo a Língua Portuguesa, a Literatura e a Geografia, pretendemos nos distanciar de uma prática de Geografia como uma disciplina enfadonha, repetitiva e desinteressante (LACOSTE, p. 21), e reforçar seus laços com a construção de conhecimento de forma prazerosa.

Palavras-chave: Cartografia, Ensino, Literatura

Abstract: There is a lot of discussion nowadays about the importance of interdisciplinarity and transdisciplinarity in the work with education. The fragmented knowledge in school's subjects, instead of facilitating student's understanding of the world, eventually develops a non-integrated look upon the reality, fleeing the school purpose. Thus, our work aims to develop cartographic concepts and knowledge from reading the classic *Around the World in 80 days* by Jules Verne. Through reading, students can locate the points where the character Phileas Fogg went, using geographical coordinates, as well as working with other relevant concepts in Cartography, such as compass rose, direction, scale and time zone. In addition to the



interdisciplinary work involving the Portuguese language, literature and geography, we intend to move away from a practice of geography as a discipline boring, repetitive and uninteresting, and approaches with the construction of knowledge in a pleasant way.

Keywords: Cartography, Education, Literature

1. Introdução

Poucos esforços tem sido feitos para construir projetos interdisciplinares nas escolas entre a Geografia e a Língua Portuguesa no intuito de desenvolver conceitos cartográficos e geográficos a partir da literatura. Podemos supor que isso se deve em parte devido ao desinteresse dos professores pelo assunto e em parte pela dificuldade de se encontrar obras literárias que trabalhem direta ou indiretamente com temas geográficos e cartográficos.

Essa última justificativa não pode ser usada para as obras de Júlio Verne (1828-1905). A extensa produção desse escritor francês está recheada de histórias sobre grandes viagens, deslocamentos impensáveis, descrições de lugares fantásticos e exploração de novas terras. Com uma riqueza de detalhes impressionante, Verne passeia pela fronteira entre as descrições “científicas” das paisagens que eram feitas por exploradores naturalistas e a Literatura de viagem, numa época em que a separação entre as duas não fazia muito sentido. O saber geográfico desenvolvido por esses exploradores foi uma das bases para a consolidação da Geografia moderna.

No meio acadêmico, há uma pequena linha de pesquisa que busca envolver a Literatura e a Geografia. Moretti (2003, p. 13) faz a distinção entre duas abordagens que a chamada “geografia literária” pode se referir: ao espaço na literatura ou a literatura no espaço. No primeiro caso, trata-se de investigar de que modo o espaço é tratado na esfera ficcional, no segundo caso, o objetivo é analisar “o espaço histórico real” a partir da difusão das obras literárias e das bibliotecas na Europa ocidental. Heidemann (2006) trabalha com o tema da paisagem na Literatura, em especial na obra de Guimarães Rosa.

Contudo, a nível da educação básica, a Geografia muitas vezes não “explora” as possibilidades existentes no campo da Literatura para trabalhar seus temas. Yves Lacoste, em livro de 1973, dizia que uma Geografia “simplória e enfadonha” era feita pelos professores nas escolas secundárias de então (Lacoste, 1988, p. 21). Infelizmente,



através das nossas observações nos estágios curriculares obrigatórios em escolas públicas e privadas, percebemos que a maior parte dos professores continua conduzindo nossa disciplina de forma desinteressante, ainda que parte do conteúdo dito “enciclopédico” tenha sido superado.

O objetivo deste trabalho é propor maneiras de desenvolver conceitos cartográficos a partir da leitura da obra clássica *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, de Júlio Verne, com estudantes da educação básica. Por meio da utilização de mapas, os estudantes poderão ler e representar informações espaciais contidas na história proposta, conforme Simielli sugere que se deva trabalhar (1999, p. 94-95). Faremos uma breve contextualização da obra e em seguida proporemos formas de reconhecimento dos principais conceitos da cartografia (fuso horário, orientação, localização) com os educandos. Dessa forma, pretendemos contribuir para desenvolver uma relação mais prazerosa dos estudantes com o saber geográfico, bem como estimular sua curiosidade sobre os diferentes lugares por onde os personagens do romance passam.

Evidentemente, não pretendemos esgotar todas as possibilidades de trabalho de Cartografia com “*A Volta ao Mundo*”. Muito menos, essas sugestões devem ser encaradas como receitas prontas, esperando para ser aplicadas em qualquer contexto sócio-cultural. Por isso, optamos por não indicar nenhuma faixa etária específica que este trabalho abrange – mesmo sabendo que, geralmente, os conteúdos cartográficos se organizam em séries pré-determinadas. Na verdade, nosso objetivo é desenvolver apenas uma demonstração de uma possível forma de estudar cartografia de uma maneira lúdica e mais interessante, valorizando outras formas de linguagem para além do livro didático, utilizado de forma exaustiva pelos professores da educação básica.

2. Desenvolvimento

A Volta ao Mundo em 80 Dias é considerada a obra-prima de Julio Verne. Publicada em 1873, o livro conta a história de Phileas Fogg, um inglês de rotina metódica, que aceita o desafio de seus companheiros do Reform Club de dar a “volta ao mundo” em apenas 80 dias. Fogg é acompanhado por seu mordomo Passepartout em uma viagem que sai de Londres, passa por Paris, Suez, Bombaim, Calcutá, Hong Kong, Yokohama, São Francisco, Nova York e depois volta para Londres.



Sua volta ao mundo torna-se uma aventura, já que o protagonista acaba sendo perseguido pelo detetive Fix que deseja prender um senhor que roubou 55 mil libras do Banco da Inglaterra e as características do ladrão são muito parecidas com a de Phileas Fogg. Além disso, a própria passagem por países de diferentes hábitos e culturas coloca os personagens em situações constrangedoras, seja na Índia ou nos Estados Unidos.

É interessante notar o impacto que o desenvolvimento tecnológico da época, traduzido especialmente na evolução dos meios de transporte e comunicação, causou nas pessoas. Júlio Verne, na voz do personagem John Sullivan, aponta (2003, p. 26) que foi a partir da abertura do trecho entre Rothal e Allahabad da Great Peninsular Railway, na Índia, que foi possível dar a volta na Terra em menos de três meses. Hobsbawn anota que

As mais remotas partes do mundo estavam agora começando a ser interligadas por meios de comunicação que não tinham precedentes pela regularidade, pela capacidade de transportar vastas quantidades de mercadorias e números de pessoas e, acima de tudo, pela velocidade: a estrada de ferro, o navio a vapor, o telégrafo. Por volta de 1872, os meios de comunicação tinham chegado ao triunfo previsto por Júlio Verne: a possibilidade de fazer a volta ao mundo em 80 dias. (Hobsbawn, 2010, p. 93)

461

O historiador refere-se, no capítulo “O Mundo Unificado”, a uma unificação bem diferente da que vivemos hoje, no período de globalização, ainda que presente. Essa “primeira globalização” permitiu que o mundo fosse integrado a economia capitalista de forma muito mais dinâmica, processo capitaneado pelo Reino Unido, que investiu maciçamente na construção de estradas de ferro no mundo todo, não apenas em seu vasto Império.

Hobsbawn ainda acrescenta que, se a viagem de Fogg fosse feita em 1848,

ela teria de ser feita quase inteiramente por via marítima, pois nenhuma estrada de ferro atravessava o continente e nem mesmo existiam no resto do mundo, exceto nos Estados Unidos, onde não



avançavam terra adentro mais de duzentas milhas. (Hobsbawn, 2010, p. 94).

Desconfiamos que foram as novas possibilidades proporcionadas pelo rápido desenvolvimento tecnológico das últimas décadas do século XIX que motivou Verne a escrever a maior parte de seus livros, já que ele viveu justamente neste período. Boa parte de suas obras indicam um forte interesse científico, além de antecipar novas técnicas ou até mesmo inventar máquinas que (ainda?) não foram possíveis de serem criadas.

Ademais, a segunda revolução industrial convivia com a expansão imperialista e a hegemonia britânica internacional. Não é a toa que Verne escolheu que seu protagonista fosse inglês, mesmo sendo ele próprio um escritor francês: o empreendimento de Phileas Fogg só poderia ser feito por um cidadão britânico, pois este era o Estado com o maior número de possessões ultramarinas. Arrighi (1996, p. 54) demonstra este momento na passagem em que diz que “nenhum governante territorialista jamais havia incorporado em seus domínios territórios tão numerosos, tão populosos e tão vastos quanto fez o Reino Unido no século XIX.”

462

O contexto da obra em si já possui um potencial incrível para desenvolver atividades ou ilustrar aulas de Geografia que tratem do tema da indústria. Na verdade, o Imperialismo e a industrialização britânica do final do século XIX permeiam praticamente toda a história, desde a explicação sobre os domínios territoriais ingleses na Índia, Cingapura, Hong Kong, até indicações sobre a introdução de novas máquinas, a expansão das ferrovias e do telégrafo e o desenvolvimento tecnológico proporcionado pela Segunda Revolução Industrial.

Uma atividade possível de ser desenvolvida com séries mais avançadas, possivelmente no Ensino Médio, é cartografar o desenvolvimento das principais ferrovias criadas no século XIX a partir de uma pesquisa feita na Internet ou em livros especializados. Com séries do Ensino Fundamental, é importante a construção dos conceitos da Cartografia em um nível mais elementar. No que diz respeito a leitura de mapas – uma das habilidades mais importantes que devem ser desenvolvidas na escola – , por exemplo, a quantidade de possibilidades que o livro desenha é praticamente



infinita. Uma das atividades pode consistir em refazer o trajeto das cidades visitadas por Phileas Fogg em um papel vegetal sobreposto a um planisfério.

Para desenvolver a prática do trabalho com as coordenadas geográficas, o estudante pode, com a ajuda de um atlas, identificar a localização de algumas cidades selecionadas por ele com sua leitura do livro. Ele pode, por exemplo, escolher 5 cidades, indicar suas coordenadas geográficas aproximadas a partir do planisfério e de um mapa do país ou da região, de modo que ele perceba a diferença de detalhes, que resulta numa maior precisão, e de área de abrangência entre as duas escalas. Em seguida, pode ser pedido que ele indique as posições relativas entre as cidades escolhidas, de modo que ele construa noções dos pontos cardeais.

Outro conceito importante no que diz respeito à cartografia e a rotação da Terra é a noção de fusos horários. No trecho abaixo, Verne explica, de maneira bem-humorada, como o mordomo Passepartout preferiu ignorar a diferença de horários entre Londres e Suez para não acertar o relógio que pertencia a seu bisavô.

- O senhor tem tempo. É apenas meio-dia.
- Passepartout puxou seu grande relógio.
- Meio-dia! – disse. – Ora! São nove horas e cinquenta e dois!
- Seu relógio está atrasado – respondeu Fix.
- Meu relógio! Um relógio de família, que vem do meu bisavô! Só varia cinco minutos por ano. É um verdadeiro cronômetro.
- Já sei o que aconteceu – respondeu Fix. – O senhor conservou a hora de Londres, duas horas a menos que em Suez. É preciso acertar o seu relógio de acordo com o horário de cada país.
- Eu! Mexer no meu relógio! – exclamou Passepartout. – Jamais!
- Bem, então não estará de acordo com o sol.
- Azar do sol, senhor! Será ele que estará errado! (Verne, 2003, p. 53-54)

Os estudantes provavelmente perceberão esses temas da cartografia ao lerem o livro, mas eles devem ser instigados pelo professor em sua pesquisa, que deve desempenhar um papel mediador. Ele pode conduzir sua aula retirando um trecho da



obra que explicita o conteúdo que deseja trabalhar ou partir dos conceitos que considera mais importantes para então pedir que os estudantes, com a leitura do livro, identifiquem o que é desejado.

Se o trabalho for desenvolvido no primeiro e no segundo ciclos do Ensino Fundamental, onde o conteúdo cartográfico aparece de forma diluída em outros conhecimentos geográficos, pode-se pedir que as crianças façam representações de alguma paisagem que eles gostaram do livro. Nesse sentido, é importante apontar a importância do desenho como ferramenta de expressão das crianças (BORBA et al, 2010).

3. Considerações Finais

Conforme já indicamos na introdução, não é de nosso interesse esgotar todas as possibilidades de trabalho e muito menos outorgar qual é a melhor maneira de se desenvolver a atividade na sala de aula. Nosso intuito foi mostrar um caminho, uma possibilidade, um horizonte para estudantes e professores que desejam ensinar Geografia de uma maneira mais lúdica e interessante. Daí o caráter genérico do texto.

Acreditamos que a leitura da obra interligada a construção dos conceitos cartográficos, auxiliará os estudantes em sua leitura do mundo e do espaço. Esperamos, também, que eles desenvolvam o hábito da leitura, de extrema importância para seu desenvolvimento social, intelectual e cultural. Finalmente, pretendemos contribuir para, como apontou Paulo Freire, estimular sua curiosidade sobre diferentes lugares e paisagens, transformando a curiosidade ingênua numa “curiosidade epistemológica” (p. 83), fundamental para a pesquisa geográfica e a construção de conhecimento científico.

4. Referências Bibliográficas

ARRIGHI, Giovanni. As Três Hegemonias do Capitalismo Histórico. In: O Longo Século XX (Cap. 1). Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BEZERRA, Marily da Cunha e HEIDEMANN, Dieter. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta. Estudos Avançados, v. 20, p. 7-17, 2006. Disponível em:

PORTO, T. B. A volta ao mundo em 80 dias: por uma cartografia literária. In: COLÓQUIO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES, 7, 2011. Vitória. *Anais...* Vitória, 2011. p. 458-465.



<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000300002&script=sci_arttext>.

Acesso em 17 de outubro de 2011.

BORBA, A. M. ; LOPES, I. A. ; CANDEIAS, P. R. ; BORBA, T. N. M. T. . Desenho e infância: buscando compreender as crianças e seus modos próprios de ver o mundo. *In:* Léa Stahlschmidt Pinto Silva e Jader Janer Moreira Lopes. (Org.). Diálogos de pesquisas sobre crianças e infâncias. Niterói: EdUFF, 2010, p. 173-192.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWN, Eric. O Mundo Unificado. *In:* A Era do Capital – 1848-1875 (Cap. 3). São Paulo: Paz e Terra, 2010 [1977].

LACOSTE, Yves. A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 1988 [1976].

MORETTI, Franco. Para uma geografia da literatura. *In:* Atlas do romance europeu: 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2003.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. *In:* CARLOS, Ana Fani A. (org.). A geografia em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999.

VERNE, Júlio. A Volta ao Mundo em 80 Dias. Tradução: Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Nova Cultural, 2003 [1872].